

## **Mulheres Assentadas: suas múltiplas atuações**

Mirian Jaqueline Toledo Sena Severo\*

**Resumo:** A proposta deste trabalho é apresentar algumas discussões e resultados da pesquisa que vem sendo desenvolvida acerca dos múltiplos papéis desempenhados pelas mulheres em dois assentamentos rurais do estado de Mato Grosso do Sul. A partir das "vozes" femininas e masculinas busca-se conhecer os discursos e as representações atribuídas as mulheres. Ressalta-se a influência do sistema patriarcal, que no meio rural permanece definidor das relações sociais entre mulheres e homens e dos espaços que estes ocupam na família. As mulheres, por sua vez, tecem novas relações tanto dentro da família quanto fora dela, por meio das suas múltiplas atuações. Nesse sentido, enfatiza-se as ações das mulheres assentadas, suas formas de resistência como "estratégias" utilizadas para romper as barreiras, as fronteiras entre espaços público e privado.

**Palavras-chave:** Mulheres assentadas - espaço público - espaço privado.

**Abstract:** The proposal of this work is to present some discussions and results of the inquiry that is developed about the multiple papers fulfilled by the women in two rural assentamentos of the state of Mato Grosso do Sul. From the feminine and masculine "voices" it looks to know the speeches and the representations when the women were attributed. It emphasizes the influence of the patriarchal system, which in the rural environment remains definer of the social relations between women and men and of the spaces that these occupy in the family. The women, for his time, weave new relations so much inside the family how much out of her, through his multiple actings. In this sense, it emphasizes the actions of the women, his forms of resistance as "strategies" used to break the barriers, the frontiers between spaces publicly and privately.

**Keywords:** Women - public space - private space.

Os resultados apresentados neste artigo fazem parte da pesquisa que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado, da Universidade Federal da Grande Dourados, com apoio da FUNDECT. O objetivo desta pesquisa consiste em investigar a participação feminina na esfera pública dos Assentamentos Guanabara e Sebastião Rosa da Paz, localizados no município de Amambai<sup>1</sup>, estado de Mato Grosso do Sul.

---

<sup>1</sup> \* Mestranda em História da Universidade Federal da Grande Dourados/MS (UFGD). Bolsista da FUNDECT. É importante mencionar que ambos os assentamentos fazem divisa, possuindo uma estrada interna que os liga. Pertencem geograficamente ao município de Amambai, mas por questão de proximidade mantém uma relação maior com o município de Juti, pois distam 90 Km do município sede e 15Km de Juti.

Por meio de estudos desenvolvidos desde o ano de 2005<sup>2</sup>, procurou-se conhecer as atividades realizadas pelas mulheres no interior destes novos espaços sociais, uma vez que são concebidos como espaços de poder, onde as relações entre homens e mulheres, seja no espaço da família ou fora dela ainda são movidas pela força do sistema patriarcal. Por outro lado, já se evidencia algumas mudanças nos assentamentos rurais em relação às questões de gênero, assim, configura-se esses novos espaços sociais como sendo dinâmicos, onde afloram subjetividades de mulheres, homens e/ou grupos. Neste trabalho, busca-se entender os assentamentos, como espaços em construção, partindo da premissa de que as mulheres assentadas tem sua parcela de atuação por meio de suas múltiplas funções, na tentativa de viver e permanecer na terra.

Com vistas a cumprir o objetivo proposto adotou-se o uso de metodologias qualitativas e quantitativas (fontes orais). Aplicação de questionários, com a finalidade de delinear o perfil das famílias assentadas e obter informações acerca das relações existentes entre mulheres e homens nos assentamentos. A realização de entrevistas com homens e mulheres, especialmente com as mulheres que desempenham funções na esfera pública, em virtude da problemática de estudo.

Desse modo, os conceitos de espaço público e privado foram pensados a partir de Michelle Perrot, quando a historiadora observou a sociedade francesa do século XIX, demonstrando o discurso naturalista que passou a imperar nesta sociedade, o qual atribuía papéis distintos para mulheres e homens: “Os homens estão do lado da razão e da inteligência que fundam a cultura; a eles cabe a decisão “[...] a esfera pública. As mulheres se enraízam na Natureza; elas têm o coração, a sensibilidade [...] A sombra da casa lhes pertence [...].” (PERROT, 2005:268-269).

A construção de tais discursos além de delimitar espaços de atuação para homens e mulheres nesta sociedade, trouxe graves problemas para as últimas, que tiveram poucas escolhas, entre elas: o confinamento no espaço doméstico ou o trabalho mal-remunerado. Tais discursos atravessaram séculos e gerações, deixando ainda hoje marcas na sociedade em que vivemos. Essas marcas são visíveis nas discriminações de gênero, na violência (física e simbólica) contra as mulheres.

A proposta desta pesquisa é de certa forma contribuir para que tais discriminações contra as mulheres sejam extintas. Partindo de uma perspectiva histórica, mas ao mesmo

---

<sup>2</sup> Primeiro como colaboradora em projeto científico da professora Msc. Viviane Scalon Fachin (UEMS/Amambai) e posteriormente como bolsista PIBIC/UEMS/CNPq.

tempo interdisciplinar é que procurei trazer à tona a experiência feminina das assentadas que exercem múltiplas funções dentro dos assentamentos.

Através de observações empíricas pode-se verificar que as mulheres assentadas além das atividades desenvolvidas no espaço doméstico e no lote exercem outras funções importantes que envolvem ações ou benefícios para toda a comunidade. A participação no grupo de mulheres e na cooperativa de agricultura familiar são os principais meios de atuação destas mulheres até o momento. O ingresso dessas mulheres na esfera pública vem possibilitando sua participação em várias outras atividades como: palestras, feiras, cursos diversos, além de cargos/funções na cooperativa.

A participação das mulheres na esfera pública dos Assentamentos Guanabara e Sebastião Rosa da Paz é pequena, se observarmos a quantidade de famílias dos dois assentamentos: 148 famílias, para um grupo de aproximadamente dez mulheres. Nossa tarefa, enquanto historiador/a, pesquisador/a é também questionar o porquê dessa baixa participação feminina dentro dos assentamentos rurais. Com o desenvolvimento deste trabalho veremos, a *posteriori*, as principais causas da não participação das mulheres nas atividades públicas.

Neste artigo far-se-á uma breve exposição das principais “lideranças” femininas dos assentamentos, ou seja, daquelas mulheres que se empenham nos trabalhos da cooperativa e do grupo de mulheres, com o objetivo de trazer benefícios para todos os assentados e assentadas. Neste sentido, destacam-se os trabalhos de Clarice Amaral, Leila Dorse, Oliveti Jorge Alves e Maria Eliane Faria. Acrescenta-se também o envolvimento da irmã Lucinda, da Comissão Pastoral da Terra (CPT), do município de Juti, a qual tem fornecido auxílio para o grupo das mulheres.

Clarice Amaral é hoje vice-presidente da Cooperfamiliar, integrante do grupo de mulheres e coordenadora da igreja católica do Assentamento Guanabara, é uma mulher que apresenta força, vontade de lutar e está sempre envolvida com suas funções. Leila Dorse, é integrante do grupo de mulheres, não ocupa cargo na cooperativa, é líder do CMDR (Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural) do município de Juti, uma mulher batalhadora que contribui significativamente nas reuniões do grupo de mulheres e para a melhoria dos assentamentos. Oliveti Jorge Alves é uma das líderes do grupo de mulheres sendo responsável pela realização e coordenação de reuniões com o grupo de mulheres, é também fiscal da cooperativa, nas entrevistas mostrou empenho e gosto pelas funções que realiza. Maria Eliane Faria é integrante do grupo de mulheres, diretora vogal da cooperativa, trabalha no SINTRAF (Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar) no município de

Juti, tem experiência com órgãos sindicais, é moradora do Assentamento Sebastião Rosa da Paz.

Partindo das atividades exercidas pelas mulheres no interior dos assentamentos, pretende-se estabelecer algumas reflexões a respeito dos discursos e das representações que foram sendo atribuídas as mulheres ao longo da história.

Assim, pode-se observar que os discursos de homens e mulheres que vivem nos assentamentos são permeados por representações. São discursos que passaram historicamente a integrar a vida desses sujeitos sociais e que são analisados aqui pelo viés de gênero. O conceito de gênero utilizado nesta pesquisa parte das reflexões de Joan Scott estabelecidas em seu artigo “Gênero: uma categoria útil para a análise histórica”. Para Scott, gênero implica no estudo de ambos os sexos: homens e mulheres, pois o mundo das mulheres faz parte do dos homens e vice-versa, é também uma categoria de análise histórico-social e cultural. Neste sentido, o uso deste conceito parece indispensável para a compreensão das relações sociais de gênero nos assentamentos em questão (relacionamentos intra e interfamiliares), além de possibilitar o conhecimento acerca das permanências e rupturas que envolvem as relações homem/mulher dentro dos assentamentos rurais.

Na narrativa de Adolfo Henrique, morador do lote 22 do Assentamento Guanabara é possível observar indícios dessas relações, pois ao falar sobre a participação feminina no grupo de mulheres deste assentamento, fez o seguinte comentário: “O que eu acho que precisa melhorar em relação a mulher, é a discriminação, né. Ninguém vive no mundo sem a mulher, nem as própria mulher vive sem a mulher, todos nascem da mulher, até a salvação do mundo veio pela mulher [...]”<sup>3</sup>.

Através do olhar de historiador/a é possível observar dois pontos fundamentais nesta narrativa, no primeiro é encontrado um ponto de ruptura, onde Adolfo menciona a necessidade de se pôr um fim a discriminação contra a mulher. No entanto, o fazer história também possui seu viés de permanências e aqui é claramente percebido na segunda parte da narrativa. ‘todos nascem da mulher’ e ‘a salvação do mundo veio pela mulher’. São duas representações do feminino construídas historicamente.

A primeira relacionada às características biológicas: a maternidade. Essa maternidade passa a ser vista como parte da ‘natureza feminina’<sup>4</sup>. O problema não é a maternidade em si, e sim esse discurso naturalístico que atribui às mulheres um papel social destinado unicamente

---

<sup>3</sup> ALVES, Adolfo Henrique. Entrevista concedida no dia 07/03/2009. Assentamento Guanabara.

<sup>4</sup> Questão muito bem apresentada e discutida em: PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

a maternidade e a reprodução. A construção das características especificamente femininas que englobam a relação de afeto com o filho, o amor inato, o sentimento materno que unem todas as mulheres em torno dessa função, passam a assumir um significado social central e prioritário no espaço privado do lar.

Quando Adolfo Henrique menciona que “a salvação do mundo veio pela mulher” é possível perceber um discurso da natureza feminina relacionado ao celibato proveniente da Virgem Maria, logo, marcado por concepções judaico-cristãs. Segundo, Losandro Antônio Tedeschi, tais construções são intimamente ligadas ao

*[...] discurso da Igreja, gestado há séculos, ainda no período clássico, cria certezas, concepções e imagens sobre as mulheres de uma forma absoluta, impondo um estatuto de celibato e castidade. Falar da identidade feminina dentro da Igreja é falar e demonstrar estruturas e concepções ainda presentes no imaginário feminino atual. Tais representações impuseram às mulheres um vasto corpo de modelos de comportamento religioso e doméstico, exortando à prática das ‘virtudes’ da obediência, do silêncio, da imobilidade em nome de uma ética católica muito parcial. (TEDESCHI, 2005:13-14)*

Ao analisar esse discurso que relaciona diretamente a figura da Virgem Maria a um modelo ideal de mulher, é preciso observar como essa representação foi construída. Isso se remete a origem do cristianismo, na qual apresenta dois modelos antagônicos de mulher: Eva, responsável pela queda da humanidade por sua desobediência e, Maria, responsável pela salvação, através de sua obediência. A obediência de Maria na concepção cristã restaurou os males da desobediência de Eva. Esse modelo de mulher obediente centrado na figura de Maria passou a incorporar a mentalidade cristã e a justificar a dominação masculina.

Nota-se, assim que as falas de homens e mulheres são carregadas de velhos hábitos de pensar, que apresentam a mulher através de várias representações, muitas delas alimentadas por desigualdades de gênero. Vários são os exemplos que podem ser analisados no espaço social dos assentamentos. Leila Dorse, por exemplo, moradora do Assentamento Guanabara, uma das mulheres com efetiva participação na esfera pública deste assentamento, em uma de suas entrevistas narrou com pesar os comentários masculinos acerca das atividades desenvolvidas pelas mulheres do grupo: “[...] muitas vezes eles comentam assim: há essas mulheres enxerida, não pára em casa, fica batendo canela. Você escuta umas coisas assim: mulher é pra ficar no tanque, no fogão. Sabe? acha que o que as mulheres vai fazer não presta.”<sup>5</sup> Esta narrativa nos leva a concluir que o pensamento masculino traduz elementos

---

<sup>5</sup> DORSE, Leila Cristini Dorse. Entrevista concedida no dia 11/02/2007. Assentamento Guanabara.

restritivos em relação a autonomia feminina, configurando, assim uma forma de violência, não física, mas simbólica.

A hierarquia e a restrição das práticas femininas, através do discurso, configuram essa violência encontrada nos meios sociais marcados ainda pelo sistema patriarcal. Mesmo que a violência não se resuma a agressão física, provenientes da discriminação e submissão feminina,

*[...] as mulheres são tratadas não como sujeito mas como uma coisa, buscando-se impedir a sua fala e a sua atividade. [...]. Assim, definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação – que é uma relação histórica, cultural e lingüisticamente construída – é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irredutível, universal. (SOIHET, 1997: 10-11)*

Numa sociedade rural patriarcal, as práticas sociais são bastante influenciadas por atitudes de dominação e submissão na qual tanto homens quanto mulheres articulam suas posições sociais de gênero, ou seja, masculina ou feminina, de acordo com a divisão do trabalho. Essa percepção é apresentada por Pierre Bourdieu, quando afirma que homens e mulheres incorporam representações e constroem suas práticas dentro de uma lógica social<sup>6</sup>. Assim construídas dentro do sistema patriarcal, essas representações são fluídas por desigualdades de gênero.

Mas o fazer história não pode e nem deve ser construído apenas sobre uma base teórica, é preciso ir a campo, buscar as fontes e extrair delas seus significados. Dentre as inúmeras conversas, entrevistas, observações e imagens coletadas nos assentamentos ao longo desta pesquisa, uma conversa em especial chamou atenção. Foi em junho de 2006, durante a 2ª Feira Estadual das Sementes Crioulas e Produtos Orgânicos<sup>7</sup>, com uma das integrantes da Cooperfamiliar: Clarice Amaral, vice-presidente da cooperativa. Durante a conversa procuramos nos informar a respeito do cargo de presidência desta cooperativa, Clarice nos informou que era ocupado por Francisco Carlos Felippssen, morador do Assentamento Sebastião Rosa da Paz. Alguns meses mais tarde, procuramos explorar esta informação e investigar o motivo de Clarice ocupar o cargo de vice-presidente, sendo que possui efetiva participação nos trabalhos que envolvem a cooperativa e no dia da eleição a maioria de

---

<sup>6</sup> Esta análise é muito bem discutida em BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

<sup>7</sup> Feira Estadual de Sementes Crioulas e Produtos Orgânicos é um evento realizado anualmente desde 2005, e onde os pequenos proprietários comercializam seus produtos. Também ocorre a participação de diversos órgãos ligados a agricultura familiar.

votantes eram mulheres?<sup>8</sup> Sobre o assunto, Clarice pensou por uns instantes e respondeu: ‘porque homem tem mais condições’.

Práticas como essas não raras vezes são encontradas nas falas de mulheres e homens dos assentamentos rurais e refletem uma sociedade configurada por fortes traços de patriarcado que vem de longa duração. Nestes espaços sociais são construídas representações naturalísticas sobre os homens e as mulheres, moldadas sob desigualdade de gênero. Na prática, é possível encontrar no discurso de Clarice elementos que teoricamente Joan Scott analisa em seus estudos, quando afirma que “[...] o poder das mulheres tende a ser percebido como manipulador, como disruptor das relações sociais, como ilegítimo, como fora do lugar e como pouco importante, no sentido de inferiorizar sua atuação no conjunto da sociedade [...]”. (SCOTT, Apud TEDESCHI, 2008:22). O ponto de convergência entre teoria e prática está na ilegitimidade e na inferioridade da atuação feminina em um espaço diferente do doméstico.

No entanto, em outra oportunidade, Clarice parece perceber que as desigualdades de gênero encontram-se na própria educação familiar. Ela menciona que a família e a escola estão constantemente contribuindo na construção de uma identidade ‘feminina’ ou ‘masculina’. Segundo ela, práticas simples ajudariam a atenuar esta situação, por exemplo, a mãe deveria ensinar aos filhos e filhas que os afazeres domésticos devem ser realizados tanto pelas meninas quanto pelos meninos.

A educação que começa na instituição familiar é reforçada na escola, então homens e mulheres são, desde tenra idade, educados de forma diferente e de acordo com esse tipo de educação passam a pensar e agir de forma diferente, assim como enfrentar problemas de diferentes formas. Nesta sociedade os meninos recebem uma educação que os habilita a ingressar no mundo do trabalho e da competição ao passo que “[...] é possível dizer que a educação produz uma imagem feminina confinada em torno da família, situada num plano de desigualdade em relação ao homem [...]”. (TEDESCHI, 2008:35). Ao final, Clarice afirma que vem mantendo uma prática no sentido de igualdade para seus filhos e filhas na divisão dos afazeres domésticos.

Não é apenas na atitude de Clarice em relação à educação dos filhos que se observam pontos de ruptura neste mar de permanência. Há que se destacar que mesmo em um ambiente em que é notório a presença de desigualdade de gênero, tais personagens – mulheres assentadas mantêm atividades que as conduzem ora ao espaço privado/doméstico, ora ao espaço público.

---

<sup>8</sup> Informação extraída da Ata da Assembléia Geral de constituição da Cooperativa de Agricultura Familiar (Cooperfamiliar) de 02/07/2005.

As ações das mulheres assentadas, especialmente das integrantes do grupo de mulheres, são entendidas aqui como formas de resistências porque são vistas como meios de rompimento com antigos hábitos que estão alicerçados no patriarcado. Tais ações podem ser evidenciadas por meio de suas múltiplas atuações. Nesse sentido, destaca-se a atuação de Oliveti Jorge Alves que nas entrevistas nos contou sobre sua participação em eventos promovidos pelo Movimento de Mulheres Camponesas (MMC). O último de que participou foi em fevereiro deste ano em Rio Brilhante/MS. Oliveti trouxe o material escrito e os tópicos discutidos nos encontros para serem debatidos no grupo de mulheres. Neste encontro, ela narra que foram discutidos temas sobre a violência, agressões contra as mulheres e também contra os homens. Os materiais utilizados nas reuniões do grupo de mulheres também são fornecidos pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) através da irmã Lucinda, do município de Juti que presta auxílio ao grupo por meio de palestras e cursos. As mulheres integrantes do grupo juntamente com a Pastoral da Saúde e da Criança, fabricam xarope para serem comercializados nas farmácias em Juti.

O caso de Clarice, também coordenadora do grupo de mulheres não difere do de suas outras integrantes que estão engajadas “em fazer algo” para a melhoria de suas famílias e da comunidade assentada. Clarice juntamente com mais três companheiras montaram uma pequena farinheira, um projeto antigo que passa a funcionar, embora de forma simplória. Em sua narrativa, pode-se ter uma noção do funcionamento da farinheira que se encontra instalada no quintal de sua casa.

*Eu e mais três companheiras: a Oliveti, a Maria das Graças e a Leila né, nós que fazemos a farinha, só nós mulheres mesmo, daí agora aqui tem o engenhozinho que nós moemos a cana e aqui o forno aqui embaixo [...] por isso que eu to falando, nós não tamo ainda naquela fase de comércio ainda [...] Nós já fizemos açúcar mascavo, já fizemos melado [...] só que nós tamo em fase de iniciando ainda, tamo testando ainda, que nem o melado, a gente já fez e já vendeu, o açúcar mascavo [...] nós vamos fazer pra comércio. Tenho a farinha comum e a farinha biju lá dentro, nós fazemos das duas, né. A biju (de mandioca), a gente faz e nós comercializamos e levamos pra feira em Dourados, teve boa saída.”<sup>9</sup>*

Torna-se necessário dar visibilidade a estas práticas dentro dos assentamentos, uma vez que elas passam a provocar rupturas nos papéis sociais de gênero. Assim, as mulheres assentadas ocupam outro espaço – o espaço público, antes reservado aos homens. Tais atuações lhe conferem novas experiências pautadas na realização pessoal e “certa autonomia” para ver e pensar o mundo que as rodeia. Quanto ao espaço da farinheira, é preciso pensar não

---

<sup>9</sup> AMARAL, Clarice. Entrevista concedida em 15/11/2008. Assentamento Guanabara.



somente no seu viés econômico que proporciona uma nova alternativa de renda, mas também como um espaço de socialização, onde as mulheres trocam conversas, saberes, experiências. Durante o processo de realização da farinha, elas falam sobre diversos assuntos: família, saúde, sexo, trabalho e neste “constante fazer” também surgem novas idéias, projetos e sonhos que podem vir a transformar suas vidas e o meio social em que vivem.

Contudo, a intenção desta pesquisa não é afirmar que o ingresso das mulheres assentadas no espaço público é a solução definitiva, mas um campo de possibilidades que se abre para demonstrar a importância de suas lutas e atuações no contexto de construção e (re) construção dos assentamentos rurais.

### **Referências Bibliográficas:**

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. SP: UNESP, 1992.

MEDEIROS, Márcia Maria de (org.). **Ensaio sobre o Feminino**. Passo Fundo-RS: UPF Editora, 2008.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: – BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. SP: UNESP, 1992, p. 63-95.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. vol.16, n.2, Porto Alegre, p.5-22, 1990.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

SOIHET, Raquel, Violência Simbólica: saberes masculinos e representações femininas. In: – **Revistas de Estudos Feministas**. Instituto de filosofia e Ciências sociais – IFCS/UFRJ. Vol. 5 N° 1/97, 1997. p.7-29.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **História das Mulheres e as Representações do Feminino**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2008.

**Fontes Consultadas:**

ALVES, Adolfo Henrique. Entrevista concedida no dia 07/03/2009. Assentamento Guanabara.

ALVES, Oliveti Jorge. Entrevista concedida no dia 26/10/2006. Assentamento Guanabara.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida no dia 07/03/2009. Assentamento Guanabara.

AMARAL, Clarice G. Entrevista concedida no dia 10/09/2006. Assentamento Guanabara.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida no dia 15/11/2008. Assentamento Guanabara.

DORSE, Leila. Entrevista concedida em 11/02/2007. Assentamento Guanabara.

Ata da Assembléia Geral de Constituição da Cooperativa de Agricultura Familiar (Cooperfamiliar) de 02/07/2005.